

**ARTES E
OFÍCIOS DE CURAR
NO BRASIL**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (coordenador)

JEFFERSON CANO – MARGARIDA DE SOUZA NEVES

SUEANN CAULFIELD – RICARDO ANTUNES

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA

MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA – ROBERT WAYNE ANDREW SLENES

MICHAEL HALL – SIDNEY CHALHOUB – SILVIA HUNOLD LARA

Consultoria deste volume

BRODWYN FISCHER – IVANA STOLZE LIMA

Organização

SIDNEY CHALHOUB

VERA REGINA BELTRÃO MARQUES

GABRIELA DOS REIS SAMPAIO

CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO

**ARTES E
OFÍCIOS DE CURAR
NO BRASIL**

CAPÍTULOS DE HISTÓRIA SOCIAL

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Ar75 Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social / Sidney Chalhoub et al. (org.) – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

1. História social. 2. Medicina. 3. Medicamentos. 4. Religiosidade.
5. Curandeiros. I. Chalhoub, Sidney. II. Título.

	CDD	901
		610
		615.1
		200.1
ISBN 85-268-0663-7		291.2

Índices para catálogo sistemático:

1. História social	901
2. Medicina	610
3. Medicamentos	615.1
4. Religiosidade	200.1
5. Curandeiros	291.2

Copyright © by organizadores

Copyright © 2009 by Editora da Unicamp

2ª Reimpressão, 2016

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*

2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*

3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*

4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*

5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*

6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*

7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*

- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*
- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913).*
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915).*
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843).*
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicina no Rio de Janeiro imperial.*
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura.*
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868).*
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social.*
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo.*
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916).*
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado.*
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920.*
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945).*
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil.*
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiças no Brasil. Ensaio de história social.*
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910).*

- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.
- 25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor. A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.
- 26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem. As irmandades de pardos na América Portuguesa*.
- 27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca. Trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*.
- 28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*.
- 29 – MARCELO BALABAN. *Poeta do lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*.
- 30 – VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA. *Nas águas do Prata. Os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930)*.
- 31 – ELCIENE AZEVEDO, JEFFERSON CANO, MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA, SIDNEY CHALHOUB (orgs.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*.
- 32 – ELCIENE AZEVEDO. *O direito dos escravos. Lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo*.
- 33 – DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA. *Fábrica de contos. Ciência e literatura em Machado de Assis*.
- 34 – RICARDO FIGUEIREDO PIROLA. *Senzala insurgente. Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832)*.
- 35 – LUIGI BIONDI. *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*.
- 36 – MARCELO MAC CORD. *Artífices da cidadania. Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista*.
- 37 – JOANA MEDRADO. *Terra de vaqueiros. Relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1990*.
- 38 – THIAGO MORATELLI. *Operários de empreitada. Os trabalhadores da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (São Paulo e Mato Grosso, 1905-1914)*.
- 39 – ÂNGELA DE CASTRO GOMES, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (orgs.). *A Justiça do Trabalho e sua história. Os direitos dos trabalhadores no Brasil*.

- 40 – MARCELO MAC CORD, CLAUDIO H. M. BATALHA (orgs.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*.
- 41 – IACY MAIA MATA. *Conspirações da raça de cor. Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*.
- 42 – ROBÉRIO S. SOUZA. *Trabalhadores dos trilhos. Imigrantes e nacionais livres, libertos e escravos na construção da primeira ferrovia baiana (1858-1863)*.
- 43 – ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS. *As máscaras de Lélío. Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
--------------------	----

I – CIÊNCIA E IDEOLOGIA

1	PARA QUE SERVEM OS NARIZES? PATERNALISMO, DARWINISMO SOCIAL E CIÊNCIA RACIAL EM MACHADO DE ASSIS <i>Sidney Chalhoub</i>	19
2	A LOUCURA, O HOSPÍCIO E A PSIQUIATRIA EM LIMA BARRETO CRÍTICAS E CUMPLICIDADES <i>Magali Gouveia Engel</i>	57

II – TEORIAS MÉDICAS

3	MEDICINA IMPOPULAR CIÊNCIA MÉDICA E MEDICINA POPULAR NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS (1830-1840) <i>Luiz Otávio Ferreira</i>	101
4	TEMPO DE LABORATÓRIOS, MOSQUITOS E SERES INVISÍVEIS AS EXPERIÊNCIAS SOBRE A FEBRE AMARELA EM SÃO PAULO <i>Marta de Almeida</i>	123

III – REMÉDIOS

5	MEDICINAS SECRETAS MAGIA E CIÊNCIA NO BRASIL SETECENTISTA <i>Vera Regina Beltrão Marques</i>	163
6	REMÉDIOS, CHARLATANICES... E CURANDEIRICES PRÁTICAS DE CURA NO PERÍODO DA GRIPE ESPANHOLA EM SÃO PAULO <i>Liane Maria Bertucci</i>	197

IV – RELIGIOSIDADES

- 7 ENTRE A CURA E A CRUZ
JESUÍTAS E PAJÉS NAS MISSÕES DO NOVO MUNDO
Maria Leônia Chaves de Resende 231
- 8 ANFITEATRO DA CURA
PAJELANÇA E MEDICINA NA AMAZÔNIA NO LIMIAR DO SÉCULO XX
Aldrin Moura de Figueiredo 273

V – CURADORES

- 9 TERAPEUTAS POPULARES E INSTITUIÇÕES MÉDICAS
NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX
Tânia Salgado Pimenta 307
- 10 DOS MALES E SUAS CURAS
PRÁTICAS MÉDICAS NA CAMPINAS OITOCENTISTA
Regina Xavier 331
- 11 AS ARTES DE CURAR NOS TEMPOS DO CÓLERA
RECIFE, 1856
Ariosvaldo da Silva Diniz 355
- 12 TENEBROSOS MISTÉRIOS
JUCA ROSA E AS RELAÇÕES ENTRE CRENÇA E CURA NO RIO DE JANEIRO IMPERIAL
Gabriela dos Reis Sampaio 387
- SOBRE OS AUTORES/ORGANIZADORES 427

APRESENTAÇÃO

Resultado de pesquisas recentes que têm a saúde como tema central, os artigos aqui reunidos sobre a história social das artes de curar no Brasil abrangem o período que vai do século XVII até o início do século XX. Tendo como foco principal o conflituoso processo de constituição da medicina científica no país, a coletânea contempla diversas práticas de cura, além de outros sujeitos históricos envolvidos nos embates em torno das concepções sobre saúde e doença.

Os textos procuram recuperar várias dimensões desse processo. Por um lado, rastreiam os conflitos no interior da própria corporação médica. Longe de ser um grupo homogêneo e consensual, os esculápios travavam batalhas infundas para conseguir avançar em questões básicas de procedimentos nas suas atividades, fosse enfrentando agruras com autoridades do governo (ao tentar implantar suas prescrições), fosse lutando contra a imensa gama de concorrentes no exercício das artes de curar. Por outro lado, tais textos buscam abordar esses outros curadores também como protagonistas da história da medicina: barbeiros e sangradores, benzedeiros, curandeiros, feiticeiros, boticários, homeopatas, parteiras, receiptistas... Muitos deles, diga-se de passagem, mais antigos no país do que os próprios médicos científicos. Ligados a tradições culturais fortemente enraizadas em diferentes grupos sociais, esses oficiantes da cura tinham muitas vezes a preferência dos doentes. Homens ou mulheres, brancos ou negros, ricos ou pobres, os pacientes tinham lá suas maneiras de lidar com a doença, o que na maioria das vezes os levava para longe dos ditames da medicina científica. E vale lembrar: até finais do século XIX, médicos ditos científicos prescreviam, basicamente, medidas como sangrias e purgantes para o combate dos males e epidemias que afligiam a população.

Desse modo, algumas questões se tornaram cruciais para os autores dos textos. Em primeiro lugar, eles buscam situar as teorias e os debates científicos sobre doença e cura nas estruturas sociais vigentes. As tentativas de estabelecer o discurso científico como única verdade possível, desde pelo menos meados do século XIX, estão intimamente relacionadas ao desenvolvimento da sociedade capitalista e aos esforços dos grupos economicamente poderosos do país para manter suas posições de controle e privilégio. Isso porque, ao explicar e naturalizar as desigualdades e injustiças sociais, o discurso científico passa a configurar uma nova forma de dominação, em momento no qual os tradicionais pilares de sustentação das elites senhoriais — o trabalho escravo, a inviolabilidade da vontade dos proprietários de terra, a reprodução de laços de dependência pessoal — sofrem profundos abalos.

Nesse contexto, as mais variadas práticas de cura, diferentes da medicina científica, serão igualmente tachadas de charlatanismo pelos cientistas. Seus praticantes, considerados bárbaros e atrasados, caminhariam na contramão do progresso e da civilização tão almejada para os trópicos, em diálogo com modelos de países europeus. Todavia, como demonstram os artigos do volume, as atividades de cura diferentes da medicina científica eram muito variadas e moviam uma imensa gama de práticos e pacientes. Ofereciam cura para males do corpo e do espírito e, muitas vezes, contavam com a confiança de indivíduos assustados e perplexos com as prescrições dos doutores, aos quais cabia arduamente tentar impor sua ciência. Assim, outra preocupação esteve presente no trabalho dos autores: apresentar as experiências da população tanto diante das práticas da medicina científica na sociedade quanto diante dos diversos profissionais das artes de curar existentes.

Finalmente, estabelecer um diálogo crítico com a historiografia na área de história da medicina e da saúde pública também foi uma orientação presente no volume. O que se buscou no livro foi valorizar a diferença, a diversidade cultural e as formas ambíguas e até contraditórias com que as pessoas, em diferentes momentos, se posicionaram perante as artes da cura e seus agentes, fossem eles “oficiais” ou não. E é nesse intento que reside a maior contribuição desta série de textos: eles trazem à tona uma variedade de

sujeitos e práticas ainda pouco enfocados nos estudos sobre a história da medicina no Brasil.

A coletânea se abre com textos que discutem as noções de ciência e ideologia. Sidney Chalhoub, em “Para que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis”, relaciona, a partir da análise de textos do Bruxo do Cosme Velho, as apropriações de teorias científicas como o darwinismo social, no Brasil, com estratégias de dominação da classe senhorial, em suas tentativas de justificar posições de poder e privilégio na sociedade. Em seguida, Magali Gouveia Engel, em “A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades”, analisa o processo de consolidação da psiquiatria no Brasil como campo de saber especializado e reconhecido, destacando a forma arbitrária e violenta adotada no país para lidar com a loucura. Transformada em doença mental pelos alienistas, tornou-se cada vez mais monopólio de uma verdade científica produzida pelos especialistas.

Ainda refletindo sobre ciência, mas já entrando no campo das teorias médicas, Luiz Otávio Ferreira trata do processo de institucionalização da medicina acadêmica no Brasil durante o século XIX. A partir da análise de periódicos médicos, o autor busca, no texto “Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840)”, contestar a noção da inexistência de qualquer tipo de resistência cultural às tentativas de monopolização da arte de curar pelos representantes do saber médico-científico. Não podendo simplesmente denunciar o “charlatanismo” ou a “ignorância popular”, os médicos viam-se obrigados a dialogar com a tradição médica popular, disputando, em condições desfavoráveis, a autoridade no campo da arte de curar. Já Marta de Almeida aborda, em “Tempo de laboratórios, mosquitos e seres invisíveis: as experiências sobre a febre amarela em São Paulo”, os debates em torno da constituição do campo da microbiologia. A autora mostra as incertezas e discordâncias que marcaram o tortuoso caminho de afirmação desse ramo da medicina, a partir da análise de trabalhos de médicos no combate à febre amarela e de diversas publicações sobre o tema em jornais da época.

Passamos, então, a analisar outras práticas de cura que convivia-
vam lado a lado com a medicina dos doutores e contavam muitos
adeptos. Em “Medicinas secretas: magia e ciência no Brasil setecen-
tista”, Vera Regina Beltrão Marques trabalha com os remédios se-
cretos. Com forte presença na Colônia e provocando fascínio nos
doentes, essas medicinas inusitadas e desconhecidas mantinham-se,
ao arrepio das tentativas da Igreja e das autoridades de controlá-las.
O propósito da autora é mostrar que a magia também alicerçou os
começos da medicina moderna. Na mesma trilha caminha Liane
Maria Bertucci, em “Remédios, charlatanices... e curandeirices:
práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo”. O
texto apresenta a enorme variedade de remédios não-científicos e
outras práticas consideradas “charlatanices” e “curandeirices” que
circulavam no país ainda no começo do século XX, centrando-se
no momento da gripe espanhola para mostrar os conflitos travados
com os representantes da medicina oficial, bem como as várias
aproximações entre práticas de cura científicas e leigas.

Ainda trabalhando com práticas de cura concorrentes da me-
dicina científica, um outro grupo de artigos mostra a relação in-
trínseca entre religiosidades e formas de medicina. No texto “Entre
a cura e a cruz: jesuítas e pajés nas missões do Novo Mundo”, Maria
Leônia Chaves de Resende aborda as tentativas de destruição da me-
dicina dos pajés impostas pelos jesuítas no início da colonização do
Brasil, ocorridas em nome da catequese dos nativos. A autora re-
cupera o rico universo de crença e cura dos índios guaranis, mos-
trando os dilemas da experiência dos missionários e as estratégias
dos índios para não abrir mão de seus valores, apesar das constantes
investidas dos padres contra aquilo que consideravam práticas de-
moníacas e maléficas.

Ao voltar-se para o contexto da Amazônia, Aldrin Moura de
Figueiredo mostra, em “Anfiteatro da cura: pajelança e medicina
na Amazônia no limiar do século XX”, que mesmo no início do
século passado os pajés ainda estavam em toda parte. E mais, foram
concorrentes eficazes dos doutores formados segundo as regras
da ciência. Ao analisar o embate entre diferentes concepções cu-
rativas, o texto revela que tal distinção estava bem mais presente

nos discursos dos médicos do que na prática cotidiana de seus consultórios, onde muitas vezes prescreviam os mesmos receituários indicados pelos pajés. O autor busca também explicar a ação ambígua das autoridades policiais e sanitárias na repressão ao exercício de outras formas de medicina.

O último grupo de artigos relata casos específicos e mais detalhados de praticantes de artes de curar concorrentes da medicina científica. Em “Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX”, Tânia Salgado Pimenta analisa, a partir do estudo de documentos da Fisicatura, a presença de práticos, sangradores e curandeiros no país em período no qual tais ofícios eram admitidos e regulamentados pelas autoridades. Os outros textos se debruçam sobre o Brasil do Segundo Reinado, quando, apesar de combatida por lei, a presença dos curandeiros desafiava médicos e autoridades públicas, que muitas vezes os consultavam e até mesmo os apoiavam. É o caso de importantes curandeiros negros aqui resgatados: mestre Tito, de Campinas, por exemplo, chegou a trabalhar em parceria com um renomado médico da localidade, como mostra o capítulo desenvolvido por Regina Xavier, intitulado “Dos males e suas curas: práticas médicas na Campinas oitocentista”; pai Manoel, no Recife, recebeu o aval da Inspetoria de Higiene para trabalhar como médico em plena epidemia de cólera, conforme nos relata Ariosvaldo da Silva Diniz, em “As artes de curar nos tempos do cólera (Recife, 1856)”; e Juca Rosa, líder religioso no Rio de Janeiro, recebia madames brancas, ricos comerciantes e políticos influentes em sua casa, aonde iam em busca de seus conselhos e prodigiosas curas — história contada por Gabriela dos Reis Sampaio em “Tenebrosos mistérios: Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro imperial”.

Os organizadores confessam que chegam ao final desta aventura mais velhos e sábios. “Velhos”, pois que tudo começou ainda em 1998, quando Sidney Chalhoub e Vera Marques conceberam o escopo inicial da cousing. “Sábios”, pois os organizadores primitivos entenderam logo que era melhor trabalhar realmente em grupo e contar com a colaboração mais próxima de outros colegas. Carlos Roberto Galvão Sobrinho juntou-se logo à empreitada, oferecendo

sugestões ao projeto como um todo e realizando leituras deveras exigentes e minuciosas de cada capítulo. Momento decisivo ocorreu em agosto de 1999, quando do seminário Artes de Curar no Brasil, realizado na UNICAMP como parte das atividades do projeto PRONEX, vinculado ao Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT/IFCH–UNICAMP). Nessa ocasião, os autores presentes “rebolaram” diante de um pelotão de leitores críticos, capitaneados pelo mesmo Carlos Roberto Galvão Sobrinho, mas contando ainda com os professores Robert Slenes, Maria Clementina Pereira Cunha e Silvia Lara. Na qualidade de debatedores do seminário, esses colegas discutiram cirurgicamente todos os artigos, fazendo críticas e sugestões detalhadas que muito enriqueceram o trabalho de reescrita de todos os autores. Nos dois últimos anos, Gabriela Sampaio juntou-se à equipe e participou de todos os esforços para concretizar a publicação. Liane M. Bertucci não se esquivou de contribuir com os organizadores na leitura derradeira. E, como não poderia deixar de ser, Uliana Dias Campos Ferlim, coordenadora administrativa do CECULT, com seu toque final e algum “feitiço”, conseguiu fazer com que a escrita de doutores, literatos, loucos, esculápios, receitistas, boticários, pajés, sangradores, barbeiros, benzedeiros, curandeiros, e o que mais houver, entrasse em harmonia, pois pareceu essencial evitar que a coletânea saísse com letra de médico...

UNICAMP, janeiro de 2003

Os organizadores

I

CIÊNCIA E IDEOLOGIA

CAPÍTULO 1

PARA QUE SERVEM OS NARIZES? PATERNALISMO, DARWINISMO SOCIAL E CIÊNCIA RACIAL EM MACHADO DE ASSIS

Sidney Chalhoub

Para que servem os narizes?

Certa vez, Brás Cubas refletia sobre a afirmação do dr. Pangloss, o otimista de Voltaire, de que “o nariz foi criado para uso dos óculos” (*MPBC*, cap. XLIX).¹ Brás chega logo à conclusão de que Pangloss errara, pois a explicação sobre o sentido de tal órgão estava na observação do hábito do faquir, que “gasta longas horas a olhar para a ponta do nariz, com o fim único de ver a luz celeste”. Ao fincar os olhos na ponta do nariz, o faquir “perde o sentimento das cousas externas, embeleza-se no invisível, apreende o impalpável, desvincula-se da Terra, dissolve-se, eteriza-se”. Essa capacidade de sublimação do ser pela ponta do nariz seria faculdade inerente ao homem, qualidade “universal” dele. Em seguida, num súbito desvio de rota que faz da anedota metáfora política abrangente, Brás sugere que a “necessidade e poder” do homem de contemplar o seu próprio nariz são modos de obter “a subordinação do universo a um nariz somente”, coisa essencial para garantir “o equilíbrio das sociedades”. Interpreto essa piada à minha maneira, conferindo-lhe sentido histórico preciso: a contemplação exclusivista do próprio nariz seria a essência de um ser político específico, historicamente determinado, aqui apelidado “classe senhorial”.² Penso ainda que o romance buscava representar a classe senhorial no período em que vivera o ápice de seu poder e prestígio social — entre os anos 1840 e o aprofundamento da crise política que resultaria na lei de 28 de setembro de 1871.

O que cabe apurar nessa interpretação é a historicidade do narrador das *Memórias*. Afinal, Brás Cubas é defunto vivíssimo. Apesar de se descrever como um “punhado de pó” espalhado “na eternidade do nada” (*MPBC*, cap. VI), ele continua a ter a experiência da história. Na verdade, como é tão freqüente em Machado, ao menos quanto ao jeito de lê-lo que me interessa, uma decifração adequada desse livro depende da análise atenta dos modos como o romancista incrusta o seu entendimento da história — do Brasil e do Ocidente — na fixação da perspectiva de Brás enquanto narrador das *Memórias*. Assim, não importa quão indiferente seja a passagem do tempo para aqueles que vivem além-mundo, podemos partir da hipótese de que Brás escreve sua narrativa em 1880, ano em que foi publicada pela primeira vez, sobre eventos ocorridos entre o começo do século XIX e a década de 1860. Entre a morte do “defunto autor”, em 1869, e o aparecimento do texto, em 1880, houve os acontecimentos políticos e sociais decisivos da década de 1870, os quais conformam, de fato, o conteúdo e o tom do relato de Brás. A morte do narrador torna-se então um embuste, pois que Brás demonstra percepção aguda das conseqüências do processo histórico daqueles anos para criaturas que, como o memorialista, desejavam perpetuar-se na condição de senhores de terras e pessoas. Havia vários temas palpitantes nos anos 1870 — emancipação dos escravos, mudanças em políticas públicas, emergência de novas idéias políticas e filosóficas, e assim por diante. Quiçá para respeitar as inclinações manifestadas pelo próprio protagonista das *Memórias*, este texto ocupar-se-á apenas das tais novidades políticas e filosóficas. Sujeito com pendor para refletir, à sua moda dele, sobre os dilemas senhoriais, Brás dizia-se habituado a contemplar a “injustiça humana”; de fato, aprendera “a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares” (*MPBC*, cap. XI). Acostumara-se a ver o mundo dessa perspectiva desde menino, e como “o menino é pai do homem” (*MPBC*, cap. XI), ficou-lhe sempre o tique de comentar, até glosar, as justificativas e os rituais de poder da classe senhorial. As memórias de Brás tornam-se, por conseguinte, um testemunho histórico importante sobre as trans-